

Livro Poesia Canadense Contemporânea e Multiculturalismo
Autora: Maria Lúcia Milléo Martins
Rio de Janeiro: Editora 7 Letras 2018
(excerto)

Ricardo Sternberg

A poesia de Ricardo Sternberg tece fios de uma pluralidade de culturas. Como a de Elizabeth Bishop, é predestinada às viagens. Mesmo presa a terra ou às “ataduras esfiapadas” do inverno, sente o balanço da caravela, ouve o apito distante e se entrega às partidas. Ilhas encantadas e outros pontos magnéticos, visíveis no mapa dos sonhos ou de terras vividas, figuram na poesia de Sternberg reunindo mito e história, inventário pessoal e memória coletiva. “A Verdadeira História da Minha Vida” (“The True Story of My Life”), poema que abre seu primeiro livro de poesia, *The Invention of Honey* (1990), antecipa essas confluências. Conta a história de um príncipe que, para casar com a princesa do reino vizinho, passa por um “penoso processo pedagógico” nas artes da “etiqueta, esgrima, dança de salão, história, arco-e-flecha, retórica e erótica”. Uma professora de Viena, que rejeita os movimentos modernos, ensina a arte das danças da corte. Mas para o príncipe todo o encanto vem mesmo de um “cigano caolho”, mestre na arte do “magnetismo pessoal”. Ao final do aprendizado aos vinte e um anos, o príncipe envia à princesa “três rosas vermelhas e um bilhete” dizendo: “*Je regrette; / Roubei os cofres do meu pai, / fugi com a filha do meio / do pasteleiro*”.

Contextos sociais e culturais diversos mostram-se no sutil contraponto dos figurantes, gestos e costumes: nobres / plebeus; professora de Viena / cigano; danças da corte / movimentos modernos; princesa / filha do pasteleiro. Mas a ironia subverte a tradição dos costumes e os clichés das diferenças. Em bilhetes perfumados enviados ao pretendente, a princesa mostra certo lado selvagem contando as peripécias do “jacaré”,

seu bicho de estimação. No envio das rosas vermelhas com o bilhete, o costume cortês se justapõe à rebeldia plebeia do roubo e da fuga. Por seu motivo temático o poema dialoga ainda com outros contextos culturais em que circulam histórias semelhantes. Ou, como propõe Richard Sanger, pode também sugerir um contexto bem particular. “Talvez o título do poema não seja uma brincadeira”, diz ele, lembrando a herança de “monarquia” no Brasil onde Sternberg passou quinze anos da sua vida.¹

No primeiro livro, *The Invention of Honey* (1990), o Brasil figura mais explicitamente nos poemas: “Fio e Agulha” (“Thread and Needle”), “Folhas Novas” (“New Leaves”), “Tia”, “Ana-Louca” (os dois últimos com título original em português) e “Guaratiba”. São memórias ou sementes trazidas dos trópicos que, “em obediência a um doce comando”, abrem “uma bandeira verde” no peitoril da janela acima do quintal “cercado de neve” (“New Leaves”, p. 62). No segundo livro, *Map of Dreams* (1996), o Brasil volta ao ciclo de semente. Mas mesmo invisível, partilha o nome da ilha encantada flutuante “Hy-Breasil” ou “O’ Brasil”² que tira o poeta das “âncoras de gelo” para a aventura. Híbrido na confluência de vozes, o poema evoca narrativas míticas e antigas crônicas de navegação no tempo dos descobrimentos. Também a trama de lugares (El Dorado, Índias, Hy-Breasil, França, Espanha, Portugal, Hamburgo, entre outros) e o mosaico dos viajantes ilustram a polifonia de diferentes culturas. Gonzago, capitão do navio que na cegueira pode “cheirar o caminho para as ilhas virgens”, sabe como lucrar mais com a carga de “algodão inglês ou grãos de Flandres” e pode dizer a palavra “*água* em dez línguas”. Giuseppi de Palermo conhece os segredos da Babilônia, “encantações algébricas que podem paralisar o olho”, “a ordem simbólica das cores e as cinco posições eróticas do Reino de Cathay”. Por esse

¹ SANGER, “Poets at the Gate”, *Canadian Forum*, 1992. Disponível em: <http://www.ricardosternberg.com>. Acesso em: 14 de abril de 2008.

² Nas notas finais do livro, Sternberg explica que se trata de uma ilha encantada na costa irlandesa. Identifica como fonte de pesquisa os escritos sobre a ilha de Roderic O’Flaherty e Morough O’Ley.

elenco de personagens, culturas, mitos e histórias, como sugere Stephen Yenser, o livro tem ressonâncias da *Odisséia* de Homero e dos *Contos de Canterbury* de Chaucer.

No livro seguinte, *Bamboo Church* (2003), o Brasil figura na galeria de retratos de infância – um álbum de família revelando feições significativas da história cultural do país. Como acontece nos poemas “Tia” e “Fio e Agulha” do livro anterior, Sternberg recria “santuários de tédio”, casas e gestos que compõem “um mundo, um sistema completo, auto-suficiente como um aquário” (“Thread and Needle”, p. 17). Os tios cerimoniais entregam-se aos rituais de policiar “pedras no jardim, mangas nas árvores” ou criar passarinhos. As tias lembram as mulheres que emergem da piscina do tempo no poema de Drummond “Imagem, Terra, Memória” – com seus vestidos de missa de gorgorão pesado e ambiguidade melancólica na moldura das janelas abrindo “para mares impossíveis de liberdade”. No poema “Tia”, o alvo do voyeurismo feminino é a figura de Tarzã. Na cena final, “numa floresta perfumada, / um papagaio tagarelado aos ombros, / Tarzã faz reverência a São Francisco, / balança do cipó / e pisa na varanda dos fundos” (p. 52). No poema “Os Passarinhos de Paulito”, o tio-avô (ateu feroz) reserva “a igreja de bambu com campanário e ninho no púlpito vazio” para “o acasalamento”. Rituais como esses ilustram a comunhão do sagrado e do erótico que se perpetua na cultura brasileira desde os tempos de nudez primitiva vestida de cristandade.

Entre os poemas de *Bamboo Church*, Carmem Oliveira destaca “Primeira Dança” como um dos mais “brasileiros”, apontando a semelhança de “Tia Dolores” com a personagem feminina de Chico Buarque que tem “um rojão nos quadris”³:

Bunda tão exuberante
teria feito o andar mais vagaroso
de qualquer um mas (graças a Deus!)
mostrou ser mero lastro

³ Comentário enviado pela autora em mensagem de e-mail. 18 set. 2006. Mensagem para: Maria Lúcia Milléo Martins (maluminosa@gmail.com).

ao gingado de Tia Dolores.
 Quando a música punha em rotação os quadris
 ela mexia e estaria ainda remexendo
 bem depois dos rapazes exaustos

terem se rendido ao chão [...] (p. 9)

Sternberg confirma o comentário de Oliveira dizendo que, tão logo escreveu o verso “quando a música punha em rotação os quadris”, reconheceu sua filiação. Explica também que “Tia Dolores” foi inspirada em uma vizinha no Rio e que o casamento que serve de cenário para a dança deve ter sido da filha Regina. “Regina dava aulas de canto e piano”, lembra Ricardo, “o que faz com que minhas memórias de jogar futebol tenham trilha sonora”. Assim a recriação de “Tia Dolores” não só celebra a sensualidade dançante atribuída às mulheres brasileiras, mas também um país essencialmente musical (como confirma a trilha sonora do futebol).⁴

Além da cultura brasileira, outras são retratadas na poesia de Sternberg. O poema “Um Pelicano no Deserto”, por exemplo, recria a saga de um imigrante da Lituânia vivendo na América “por Cristo, trabalho e garrafa”, limitado ao gueto de outros imigrantes:

Todo mês os velhotes se reúnem
 para lamber feridas das escaramuças
 que livro de história algum vai registrar.
 (...)

a intelligentsia do velho país
 suando graxa nas garagens de Oakland
 aprendendo rápido demais
 a odiar negros e chicanos. (*The Invention of Honey*, pp. 41-42)

Há também *rasgueados*, *tremolos* e *arpeggios* do violonista flamenco, gatos famintos de Molivos e, na mala do mascate, perfume francês, isqueiro de lhama do Peru, fotografia

⁴ Comentário feito pelo poeta em mensagem de email. 19 out. 2006. Mensagem para: Maria Lúcia Milléo Martins (maluminosa@gmail.com).

do Príncipe Gillete (além de outros artigos de origem desconhecida). Isso tudo o poeta nos oferece na sua própria mala de viagens, “naquele tempo hesitante” em que se abre para que possamos “pensar duas vezes”.

Assim o multiculturalismo na poesia de Sternberg se inscreve pela singularidade, sem se enquadrar no bloco da celebração, ou da resistência. Resulta principalmente de “sementes” de diferentes culturas colhidas nos seus muitos deslocamentos (físicos e imaginativos).